

GRACILIANO RAMOS

Viagem

(Checoslováquia — URSS)

(OBRA PÓSTUMA)

Capa de CÂNDIDO PORTINARI

1ª edição ilustrada

Jo JOSÉ
OLYMPIO

Rio de Janeiro, 2022

Sumário

NOTA DA EDITORA	7
Capítulo 1	9
Capítulo 2	15
Capítulo 3	19
Capítulo 4	25
Capítulo 5	29
Capítulo 6	33
Capítulo 7	37
Capítulo 8	41
Capítulo 9	47
Capítulo 10	53
Capítulo 11	57
Capítulo 12	61
Capítulo 13	65
Capítulo 14	71
Capítulo 15	77
Capítulo 16	83
Capítulo 17	87
Capítulo 18	91
Capítulo 19	97

Capítulo 20	101
Capítulo 21	107
Capítulo 22	113
Capítulo 23	117
Capítulo 24	121
Capítulo 25	125
Capítulo 26	129
Capítulo 27	133
Capítulo 28	137
Capítulo 29	143
Capítulo 30	147
Capítulo 31	153
Capítulo 32	159
Capítulo 33	163
Capítulo 34	169
 NOTAS	 173

NOTA DA EDITORA

Trazemos a público o último livro de Graciliano Ramos. Iniciado pouco antes de sua morte, foi interrompido quando restavam alguns capítulos em esboço. Entretanto, o Autor tomara, na URSS e na Checoslováquia, sob a forma de diário, notas pormenorizadas do roteiro de sua viagem. Tais notas são dadas aqui como um complemento natural da parte realizada e formam, com esta, um todo homogêneo que nos revela uma face nova do escritor.

Como MEMÓRIAS DO CÁRCERE, este livro aparece em publicação póstuma, respeitados integralmente o estilo e o pensamento do Autor.

Rio de Janeiro, setembro de 1954.

1

(Cannes – 31 – Maio – 1952)

Em abril de 1952 embrenhei-me numa aventura singular: fui a Moscou e a outros lugares medonhos situados além da cortina de ferro exposta com vigor pela civilização cristã e ocidental. Nunca imaginei que tal coisa pudesse acontecer a um homem sedentário, resignado ao ônibus e ao bonde quando o movimento era indispensável. Absurda semelhante viagem — e quando me trataram dela, quase me zanguei. Faltavam-me recursos para realizá-la; a experiência me afirmava que não me deixariam sair do Brasil; e, para falar com franqueza, não me sentia disposto a mexer-me, abandonar a toca onde vivo. Recusei, pois, o convite, divagação insensata, julguei. Tudo aquilo era impossível. Mas uma série de acasos transformou a impossibilidade em dificuldade; esta se aplainou sem que eu tivesse feito o mínimo esforço, e achei-me em condições de percorrer terras estranhas, as malas arrumadas, os papéis em ordem, com todos os selos e carimbos.

Depois de andar por cima de vários estados do meu país, tinha-me resolvido a não entrar em aviões: a morte horrível de um amigo levava-me a odiar esses aparelhos assassinos. Meses atrás, para ir a

um congresso em Porto Alegre, rolara nove dias em automóvel. Tenho horror às casas desconhecidas. E falo pessimamente duas línguas estrangeiras. Estava decidido a não viajar; e, em consequência da firme decisão, encontrei-me um dia metido na encrenca voadora, o cinto amarrado, os cigarros inúteis, em obediência ao letreiro exigente aceso à porta da cabina.

Andei como um gafanhoto, a dar saltos consideráveis por este mundo, sempre dizendo a mim mesmo que não me arriscaria a nova empresa. Um pulo sobre o Atlântico, pedaços da África, a Europa, a Ásia. O Báltico e o mar Negro. O Cáucaso e a planície pantanosa que vai de Moscou a Leningrado. Repouso de alguns dias, outra vez a corrida louca pelos ares. Em terra, a convivência obrigatória com pessoas de raças diferentes da minha, de hábitos diferentes dos meus, e a necessidade forte de entendê-las, às vezes recorrendo a três intérpretes. Na passagem de uma língua para outra, o pensamento se modificava — e era-me preciso examinar as fisionomias, buscar saber o que se encerrava em almas exóticas. A palavra não raro nos enganava, e um gesto, um olhar, um sorriso, de repente nos surgiam como clarão na sombra. O discurso pausado e conveniente, a amabilidade hospitaleira dos banquetes, a informação precisa e a estatística podem passar por nós sem deixar moça. Não conseguiremos, porém, esquecer o transeunte disposto a ser-nos útil de qualquer modo, a criança gulosa de beijos num jardim de infância, o camponês curioso do Brasil, a polícia que, em vez de nos levar para a cadeia, como é natural, tenta auxiliar-nos se cometemos uma infração inadvertidamente.

Após tantos abalos, a andar para um lado e para outro como barata doida, necessitamos espalhar as nossas recordações, livrar-nos de um peso, voltar enfim à normalidade. E procuramos

lançar no papel cenas, fatos, indivíduos, articular notas colhidas à pressa, num mês, tornar o sonho realidade. Realmente aquilo tinha jeito de sonho: as figuras passavam rápidas, em debandada, e era difícil fixar algumas. Como poderei movê-las, dar-lhes vida? Arrisco-me, entretanto, a escrever isto. Ninguém me encomendou a tarefa. Os homens com quem me entendi apenas revelaram o desejo de que as minhas observações ali fossem narradas honestamente, em conversas. Infelizmente não sei conversar, e na verdade observei pouco, em tempo escasso. Guardo impressões, algumas nítidas, que pretendo juntar, fazendo o possível para não cair em exageros. O que me obrigou a iniciar este livro foram as despedidas singulares de Kamchugov, antigo operário da usina Kirov, em Leningrado, e do ótimo Leonidze, presidente da União dos Escritores Georgianos. Essas duas criaturas, de meios diversos e naturezas diversas, mostraram depositar em mim uma confiança que muito me sensibilizou. E há também a moça da rua Petrowka, as linhas escritas por Neberidze Tamara, a alegria ruidosa de Keto, Assia, Liúba e Nadiajda, no Teatro Paliachvili, em Tbilissi. Esses vivos entraram-me na alma, e necessito apresentá-los, embora tenham sido uma visão ligeira. Outros relacionaram-se comigo, quiseram entender-me, fazer-se entender. Mostraram-me o que me interessava — museus, institutos, igrejas, escolas, fábricas, armazéns, a cultura da terra e a cultura dos espíritos. Fui impertinente com frequência, exigi motivos com minúcia, e não percebi um sinal de enfado, nenhuma das minhas perguntas ficou sem resposta. Se não investiguei mais, foi porque, ao fim de longas visitas, passeios intermináveis, a fadiga me deixou arrasado. Para conhecermos uma estação de repouso, um sanatório, uma plantação de tabaco, dias e noites a rodar em automóveis, em ônibus, em magníficos vagões enormes.